SUBJETIVA CIDADE
CIDADE SUBJETIVA

MARIA CRISTINA KREUTZ NASCIMENTO
ORIENTADOR: **RODRIGO GONÇALVES**
COORIENTADORA: **KARINE DAUFENBACH**

APRESENTAÇÃO

Este trabalho propõe-se investigar a retomada da experiência subjetiva na cidade, como uma forma de reverter a espetacularização dos centros históricos, a partir de intervenções urbanas que estimulem o olhar e o pensamento crítico. Tomo como estudo de caso o bairro da Pedreira, porção do núcleo histórico localizada a leste da Praça XV, na cidade de Florianópolis.

Duas questões me motivaram a começar essa pesquisa, a notável falta de atenção para a arquitetura e a cidade por parte de seus habitantes, e também, as grandes intervenções urbanas, que atuam na cidade apagando suas histórias e memórias.

Tendo em vista o processo de espetacularização da área da Pedreira, proponho um resgate da cidade subjetiva, a partir da experiência sensorial do corpo no espaço e na identificação dos lugares antropológicos.

e Sousa
Praça XV de Novembro
Machado
Terminal - Plataforma 4
Av. Paulo Fontes
Fontes
Av. Paulo Fontes

CIDADE ESPETÁCULO

O urbanismo como disciplina e prática profissional surgiu com a intenção de transformar os centros históricos em verdadeiras metrópoles modernas, o que consistia em substituir as antigas vielas da cidade histórica, por grandes vias de circulação de auto- móveis, reduzindo, dessa forma, as possibilidades da experiência física na cidade.

Porém existe uma relação inversamente proporcional entre espetáculo e participação, quanto mais espetaculares forem às intervenções urbanas nos planos de revitalização de centros históricos, menor será a participação da população nesses projetos depois de prontos.

Além disso, a cidade-espetáculo possui discursos já conhecidos dos projetos contemporâneos, um deles é: a revitalização de centros históricos, uma vez que, segundo esse pensamento, essas áreas já perderam suas funções produtivas e se mostram a margem do circuito econômico. Portanto, esses projetos tem por objetivo transformar os centros urbanos em receptáculos de turistas e de investimentos internacionais. Porém, o que ocorre é uma homogeneização do tecido urbano, que encobrem os vestígios e as memórias que essas áreas formaram ao longo do tempo.

Assim as cidades vão se deteriorando ao mesmo tempo em que os procedimentos que as organizam vão aparecendo, gerando a mercantilização das cidades contemporâneas, uma vez que o objetivo desses planos é a formação de uma imagem da cidade, ou ainda, a construção de uma marca em torno dela, onde seja possível colocá-la numa rede internacional de comércio

Diante disso, acredito que uma das soluções para frear a espetacularização das cidades seria reconquistar o lugar do corpo humano nesses locais, com a experiência efetiva e a prática dos espaços urbanos. Uma retomada da experiência corporal e sensorial da cidade, ou seja, resgatar a cidade subjetiva.

CIDADE SUBJETIVA

As cidades possuem elementos com funções subjetivas, as quais têm como objetivo estabelecer uma relação entre o espaço e o habitante. Além disso, convivem com diferentes estilos, de épocas distintas, que unidas podem parecer desconexas. Porém, as áreas mais antigas das cidades são lugares de vestígios, pois conservam marcas dos processos de transformações, das adaptações e das apropriações que ocorreram ao longo do tempo, um verdadeiro empilhamento de camadas heterogêneas.

Entretanto, as renovações urbanas, tem a preferência pela folha em branco, vão tentando, com a teoria buscar uma maneira de responder as necessidades do local. Assim determinam formas e práticas sociais que não são intrínsecas ao lugar. Muito embora, quem deva ditar suas próprias formas seja a cidade e seus habitantes, a partir de suas histórias, memórias, relatos, e quaisquer outras práticas do cotidiano.

Portanto, a experiência do espaço é fundamental para a compreensão da cidade, para a formação da lembrança e do lugar significativo, uma vez que esse é consequência da interação entre as pessoas e o ambiente num determinado intervalo de tempo.

O espaço como lugar significativo, ou existencial, está ligado a identificação entre o espaço e o observador, é a sensação do habitar, de pertencer e conhecer um espaço que transforma esse em um lugar existencial. Assim, para conquistar o espaço existencial o habitante deve ser capaz de orientar-se no local e ainda identificar-se com ele.

A vista disso, a cidade subjetiva necessita ser habitada e sentida, pois possui sons, tatos, cheiros e gostos próprios, que vão compor junto ao olhar a complexidade da experiência urbana e, nesse momento, a cidade deixa de ser um simples cenário, ganha corpo e torna-se comunicável.

ABORDAGEM DO ESPAÇO

Para se investigar o caráter de um espaço, é necessário se expor a ele, ou seja, vivenciar o espaço, para assim, compreendê-lo. Desse modo, as investigações do espaço urbano, a partir das experiências, possibilitam o ''urbanismo poético'', que inspira uma nova forma de entendimento da cidade, levando a uma reinvenção poética e sensorial dos espaços, logo, uma retomada da cidade subjetiva.

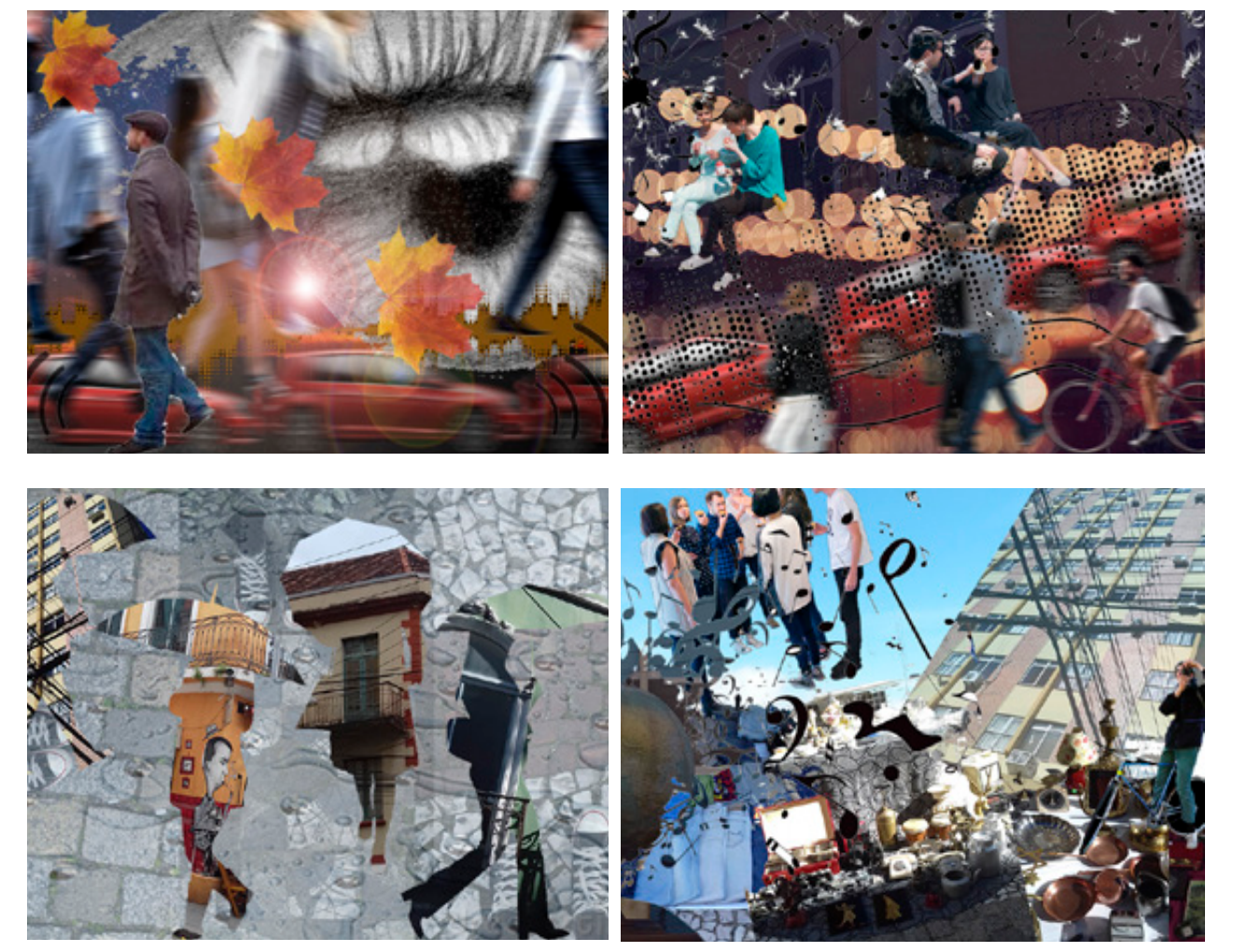
Por isso, a minha aproximação da área foi a partir das vivências e experiências do local. O primeiro ensaio dessa abordagem se deu com base no pensamento da fenomenologia e teve como resultado, uma série de colagens, que descrevem as minhas experiências pela Pedreira.A base de observação foram as zonas fenomenológicas de Steven Holl que estão intimamente ligadas aos sentidos do nosso corpo, como tato, olfato, audição e visão.

Essa prática de apreensão da área me mostrou como os espaços podem ser percebidos de formas tão diferentes, seja apurando o olhar para os acontecimentos ao nosso redor, ou ainda, pela presença de alguma intervenção, que é capaz de mudar a maneira como nos comportamos no ambiente. Porém, o que mais me comove, é que as sutilezas que dão as variações do espaço são frutos de elementos imateriais ou então da ação do corpo humano, ou seja, são subjetividades.

Além das colagens, minhas vivências pela Pedreira, resultaram em uma série de constatações sobre a área, que juntamente com outros materiais, ajudaram a compor os mapas e as análises que serão expostos a seguir. Vale ressaltar, como é notável a interferência dos projetos urbanos, pelo qual a área passou ao longo de seu desenvolvimento, nas minhas percepções atuais do espaço. Assim sendo, acho conveniente apresentar os mapas junto a um breve histórico da ocupação da área, uma vez que, minhas apreensões são consequência dessa história.

Historicamente, a área leste da praça XV se caracterizou por ter uma população mais humilde, principalmente, pela proximidade com o antigo porto da cidade e o rio da fonte grande, local onde as lavadeiras trabalhavam. Por consequência, começou a ser vista, como a grande causa dos problemas urbanos e das epidemias que assolavam a capital.

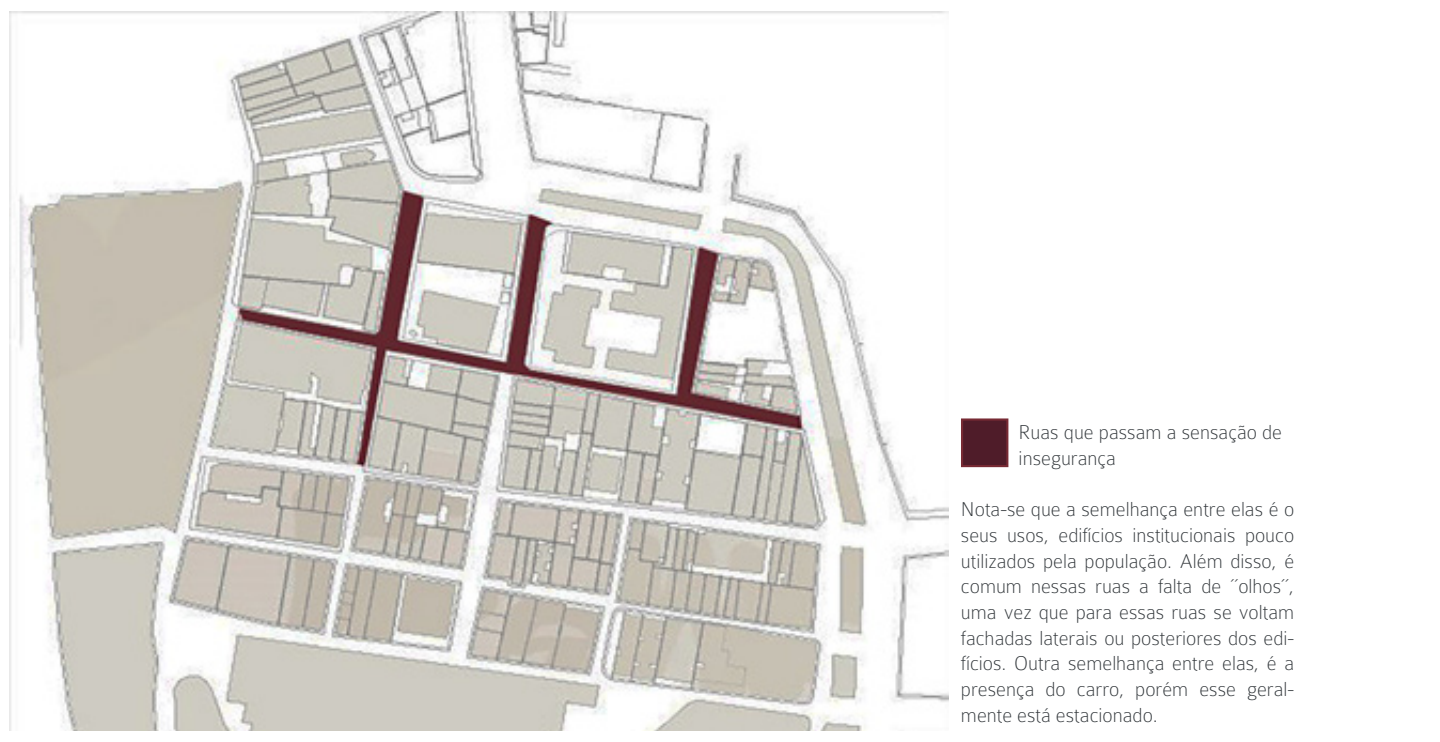
Devido a isso, surgiu diversos projetos de higienização dessa área da cidade, onde se decretou uma série de normas construtivas que não eram alcançadas pelos moradores, o que causou uma expulsão da população pobre do centro da cidade. Com isso mudou drasticamente as construções e os usos dessa região.

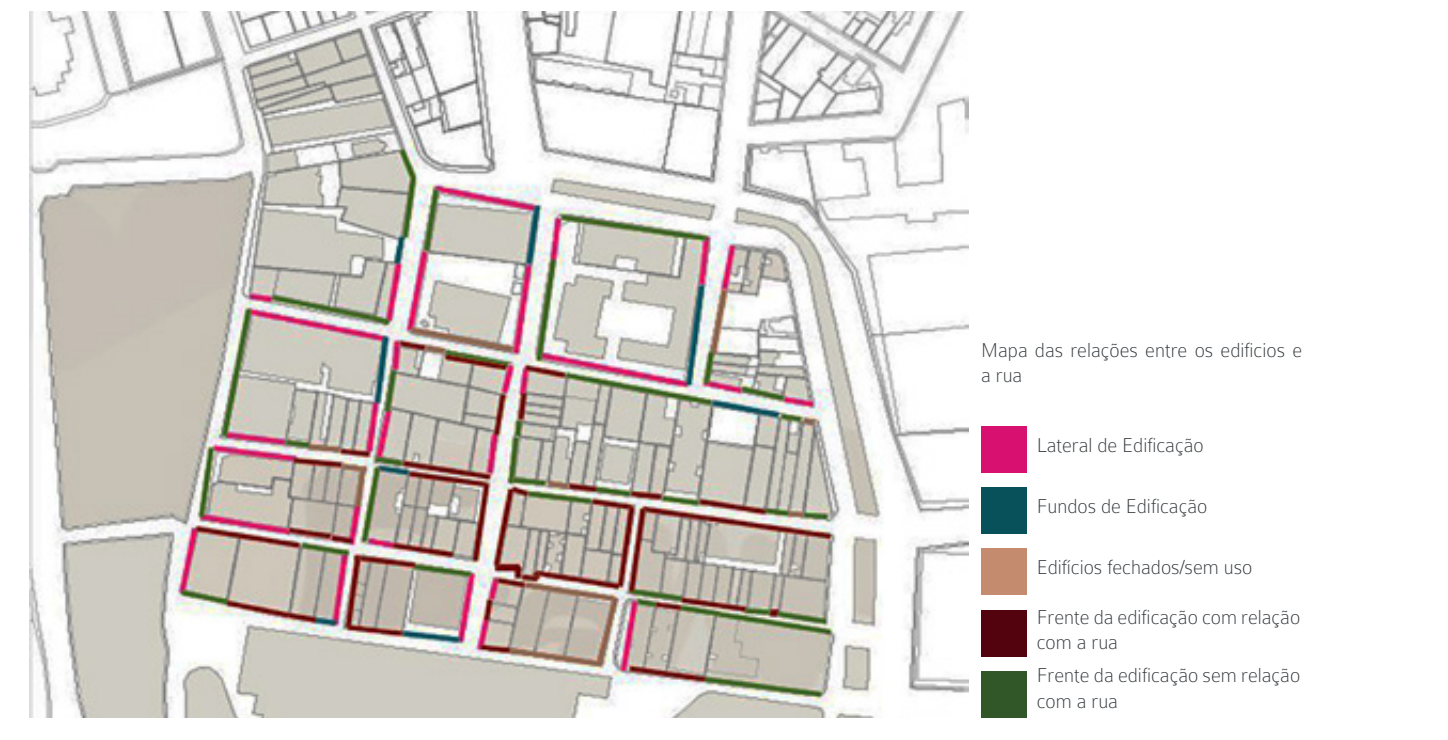


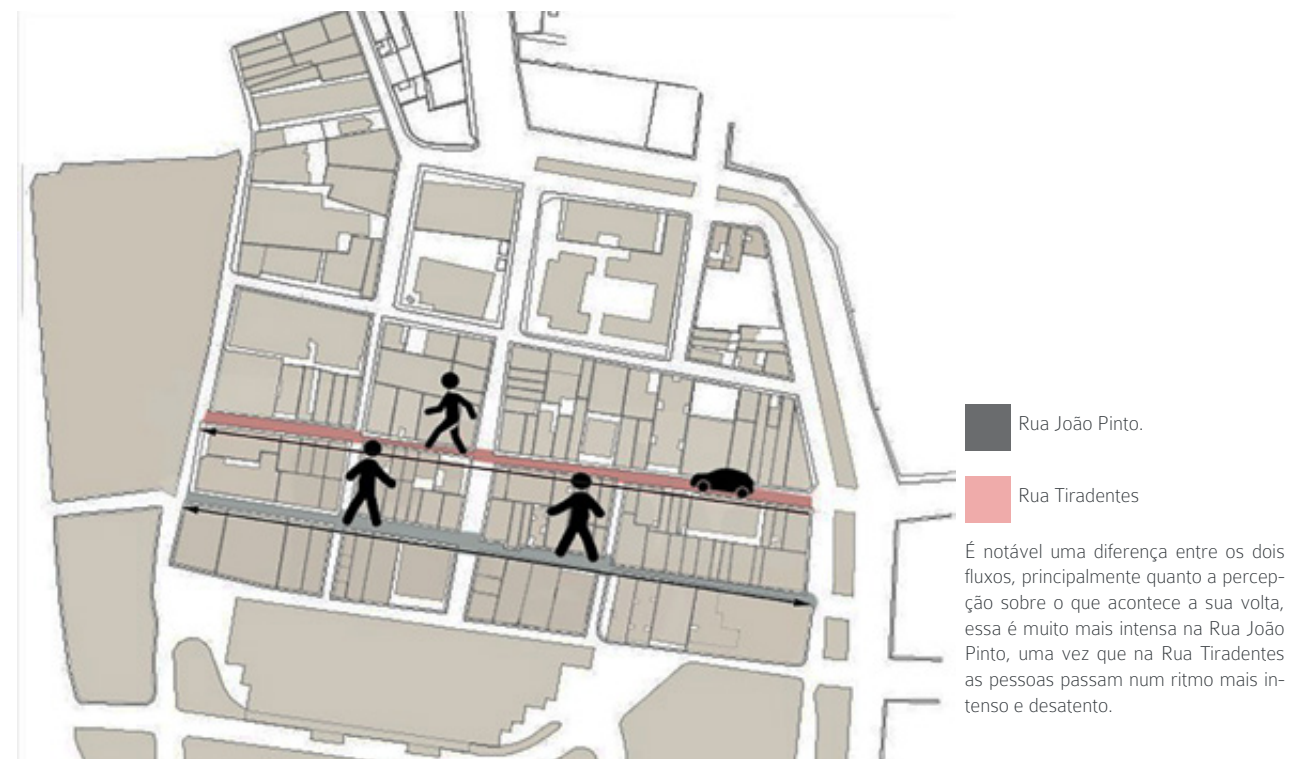
Na medida em que os casebres foram sendo substituídos, o governo vai ocupando a área com edifícios institucionais. Esses edifícios foram se instalando nas proximidades da Av. Hercílio Luz. Porém, como consequência, perde-se a presença do corpo nessa área, tornando a circulação por ela insegura.

Outro ponto a se questionar sobre esses edifícios são suas implantações e a relação com a rua. Posto que, são prédios que possuem vazios dentro de suas quadras, mas se relacionam com a rua como se fossem um grande cheio, uma vez que, são muradas ou gradeadas. Devido a isso, formam-se barreiras desnecessárias para o fluxo de todo o bairro, além de não permitirem a criação de um percurso mais fluído e múltiplo, como acontece nas ruas mais próximas ao terminal.

Contudo, a Rua João Pinto, se mantém com grande fluxo de pessoas e forte comércio, que ainda hoje, é notável ao percorrê-la, seja pelo seu uso comercial, seja pelo calçadão que ali criou, mas principalmente, pelo modo como os edifícios mantiveram sua relação com a rua, abrindo suas portas junto aos passantes e, muitas vezes, utilizando-a como parte do seu comércio.




Frente da edificação com relação com a rua
Frente da edificação sem relação com a rua


Pinto, uma vez que na Rua Tiradentes as pessoas passam num ritmo mais intenso e desatento.

DESDOBRAMENTOS

A fim de perturbar a organização atual, apontando o espaço rico que a Pedreira possui, vejo na arte urbana, uma forma de reestabelecer a identificação entre os atores e o espaço, criando experiências subjetivas que consigam transformar os espaços invisíveis em visíveis.

Deste modo, o trabalho, procura impulsionar pensamentos e trazer para os olhos questões que o pensamento dominante tenta apagar ou esconder e, principalmente, criar espaços inventivos onde é possível aprender e enxergar a realidade com outros olhos. Visto que, quando a arte tem o poder de desenvolver uma sensibilidade crítica, pode promover uma reflexão política e urbana, assim como, inspirar mudanças futuras.

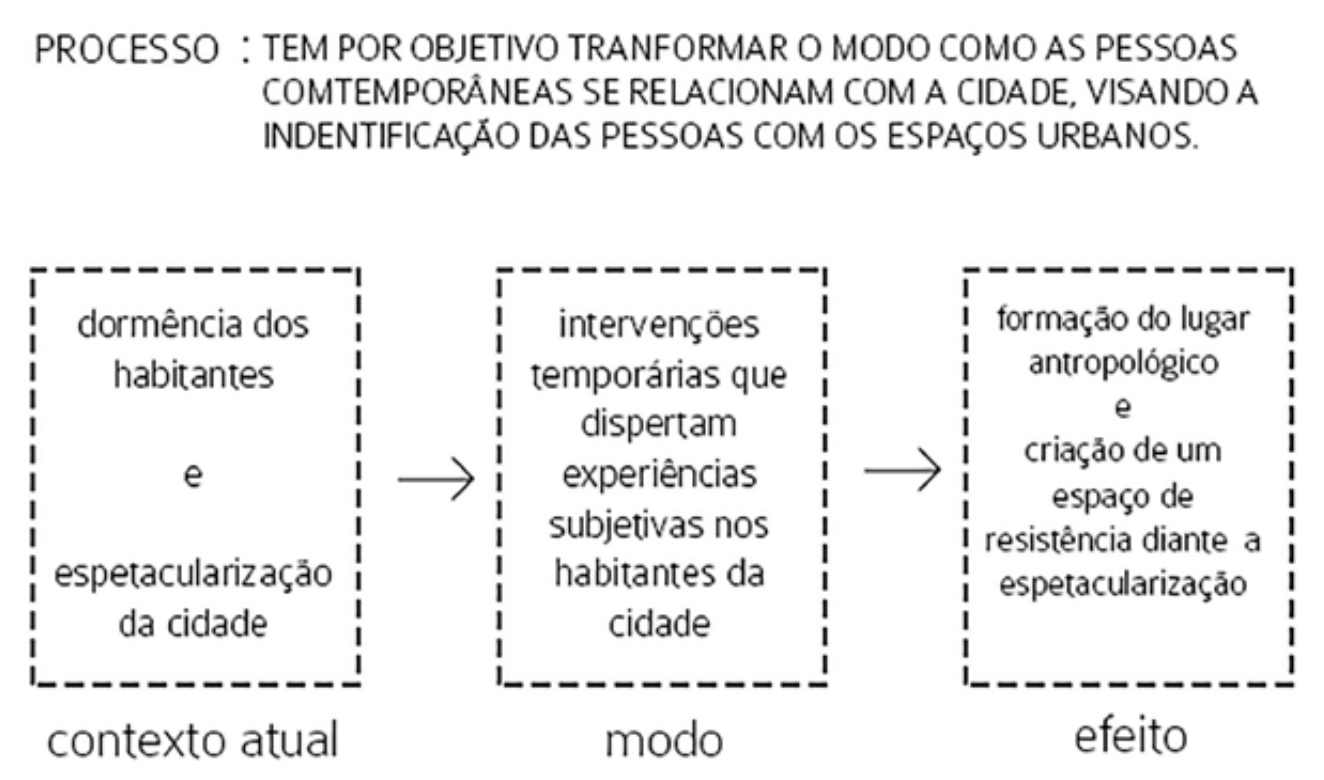
Vale destacar que a principal questão que guia a arte urbana é a percepção sensual dos espaços e a ênfase no papel do observador, que neste caso, deixa de ser um expectador, e passa a fazer parte da obra, uma vez que, ela necessita ser vivenciada para poder ser compreendida.

Logo, minha proposta é que o corpo que vivencie a obra, consiga durante a experiência, atualizar uma memória quase que inconsciente, uma subjetividade. Dessa forma, a valorização da memória do sujeito, assim como o desenvolvimento da subjetividade, torna-se um meio de resistência diante de alguns problemas que assombram os habitantes da cidade contemporânea, como a crescente amnésia, a dificuldade de produzir histórias e memórias em espaços urbanos.

Desta forma, o projeto por meio de intervenções urbanas, consegue tocar nas problemáticas postas inicialmente, que é a espetacularização da cidade, junto com a crescente desatenção dos habitantes diante dos espaços que convivem diariamente. Uma vez que, a arte urbana, quando atua em um âmbito mais crítico, consegue criar um espaço de resistência aos projetos espetaculares, e ainda desperta a população para os acontecimentos cotidianos.

Portanto, minha intenção com trabalho é estimular a identificação entre as pessoas e os espaços, vislumbrando a formação de um lugar antropológico. Deste modo, com o fortalecimento dessas relações, inicia-se a construção de um espaço de resistência diante a espetacularização da cidade e, principalmente, da área da Pedreira. Por isso, o objetivo do projeto é, propor um processo de transformação dos corpos que habitam a cidade.

Assim, como todo processo, há uma sequência de acontecimentos que ocorrerão para se chegar na transformação esperada. A primeira e a segunda etapa, começam com as intervenções temporárias, que são os elementos propulsores da mudança, elas têm por objetivo mobilizar os habitantes a fazer parte desse processo. Já a terceira etapa, se tem o agrupamento das estruturas que compõe as intervenções temporárias em uma praça permanente, essa junção dos acontecimentos, permite uma mudança observada por aqueles que fizeram parte do desenvolvimento.



PROCESSO : TEM POR OBJETIVO TRANFORMAR O MODO COMO AS PESSOAS COMTEMPORÂNEAS SE RELACIONAM COM A CIDADE, VISANDO A INDENTIFICAÇÃO DAS PESSOAS COM OS ESPAÇOS URBANOS.

dormência dos habitantes e espetacularização da cidade → intervenções temporárias que despertam experiências subjetivas nos habitantes da cidade → formação do lugar antropológico e criação de um espaço de resistência diante a espetacularização

contexto atual | modo | efeito

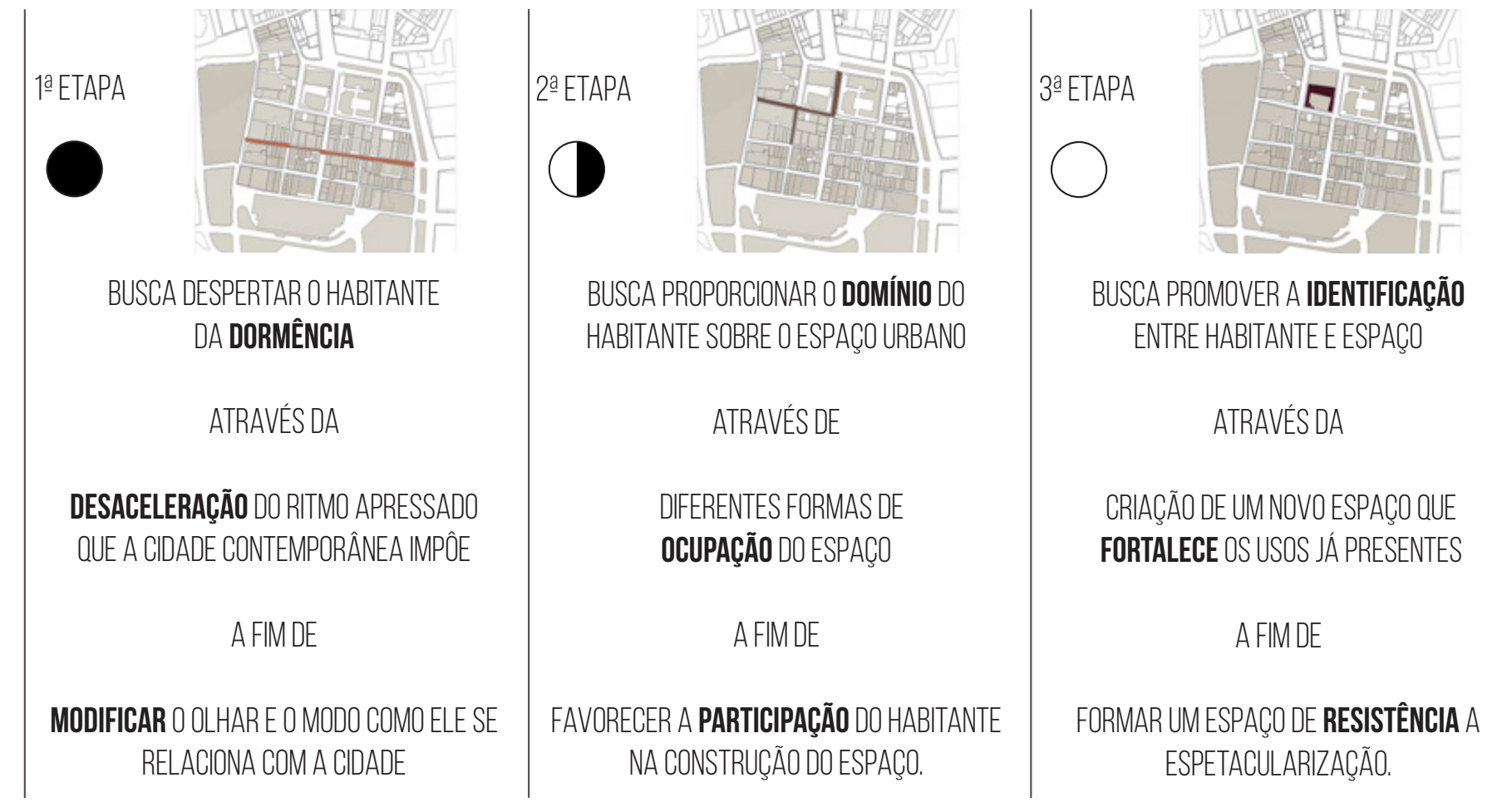
INTERVENÇÕES

O ponto de partida para a concepção das intervenções, foram as minhas experiências objetivas e subjetivas na área da Pedreira, assim como, minhas motivações e inquietações.

Quanto a duração das intervenções temporárias, elas seguem o tempo lunar, a intenção é fugir do tempo cotidiano, ao qual estamos habituados e, que nos coloca em um automatismo onde nossa vida é marcada pela passagem das horas, dos dias, das semanas, dos meses, etc.

Importante ressaltar que as etapas não ocorrem simultaneamente, já que elas utilizam a mesma estrutura para compor suas intervenções. Portanto, a primeira etapa necessita ser desmontada, para que em seguida ocorra a montagem da segunda. Do mesmo modo, a última etapa do processo ocorre após a desmontagem da segunda etapa e também utiliza a mesma estrutura para se constituir.

Por isso, a estrutura de todas as instalações é feita com o sistema de andaimes multidirecionais, que possibilita a formação de diversas geometrias e alturas se adaptando a qualquer concepção formal. Vale lembrar que esse sistema compõe a base de cada intervenção, porém, além dos andaimes, as instalações possuem outros elementos que compõem espacialmente cada uma delas, como placas metálicas, lonas, entre outros materiais. Esses elementos são fixados aos andaimes e trazem particularidade e marcam a intenção de cada instalação.



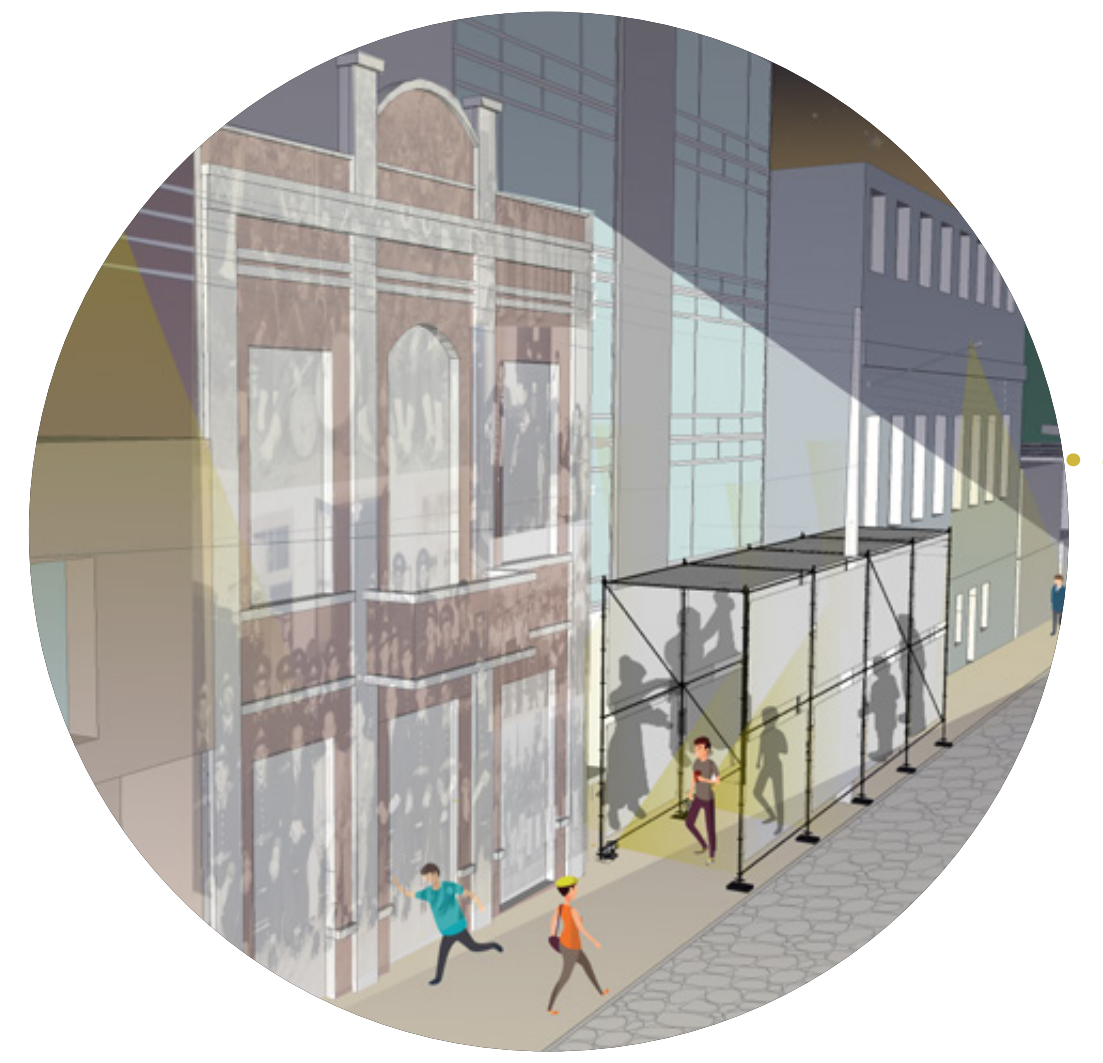
1ª ETAPA ●	2ª ETAPA ◐	3ª ETAPA ○
BUSCA DESPERTAR O HABITANTE DA **DORMÊNCIA**	BUSCA PROPORCIONAR O **DOMÍNIO** DO HABITANTE SOBRE O ESPAÇO URBANO	BUSCA PROMOVER A **IDENTIFICAÇÃO** ENTRE HABITANTE E ESPAÇO
ATRAVÉS DA	ATRAVÉS DE	ATRAVÉS DA
DESACELERAÇÃO DO RITMO APRESSADO QUE A CIDADE CONTEMPORÂNEA IMPÕE	DIFERENTES FORMAS DE **OCUPAÇÃO** DO ESPAÇO	CRIAÇÃO DE UM NOVO ESPAÇO QUE **FORTALECE** OS USOS JÁ PRESENTES
A FIM DE	A FIM DE	A FIM DE
MODIFICAR O OLHAR E O MODO COMO ELE SE RELACIONA COM A CIDADE	FAVORECER A **PARTICIPAÇÃO** DO HABITANTE NA CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO.	FORMAR UM ESPAÇO DE **RESISTÊNCIA** A ESPETACULARIZAÇÃO.

PRIMEIRA ETAPA

A primeira etapa do processo, ocorre na Rua Tiradentes com instalações em três pontos distintos. Esses locais foram escolhidos pois neles se encontram rugosidades, marcas que cotidianamente passam despercebidos aos nossos olhos e, portanto, ficam constantemente esquecidos. Por isso, as três instalações têm a intenção de desacelerar os corpos que passam apressados pelas histórias e memórias dessa rua. Além disso, as instalações trabalham com sensações relacionadas a mudança de luz, perspectivas e som, utilizando esses elementos subjetivos para atingir e mobilizar os atores dessa rua.

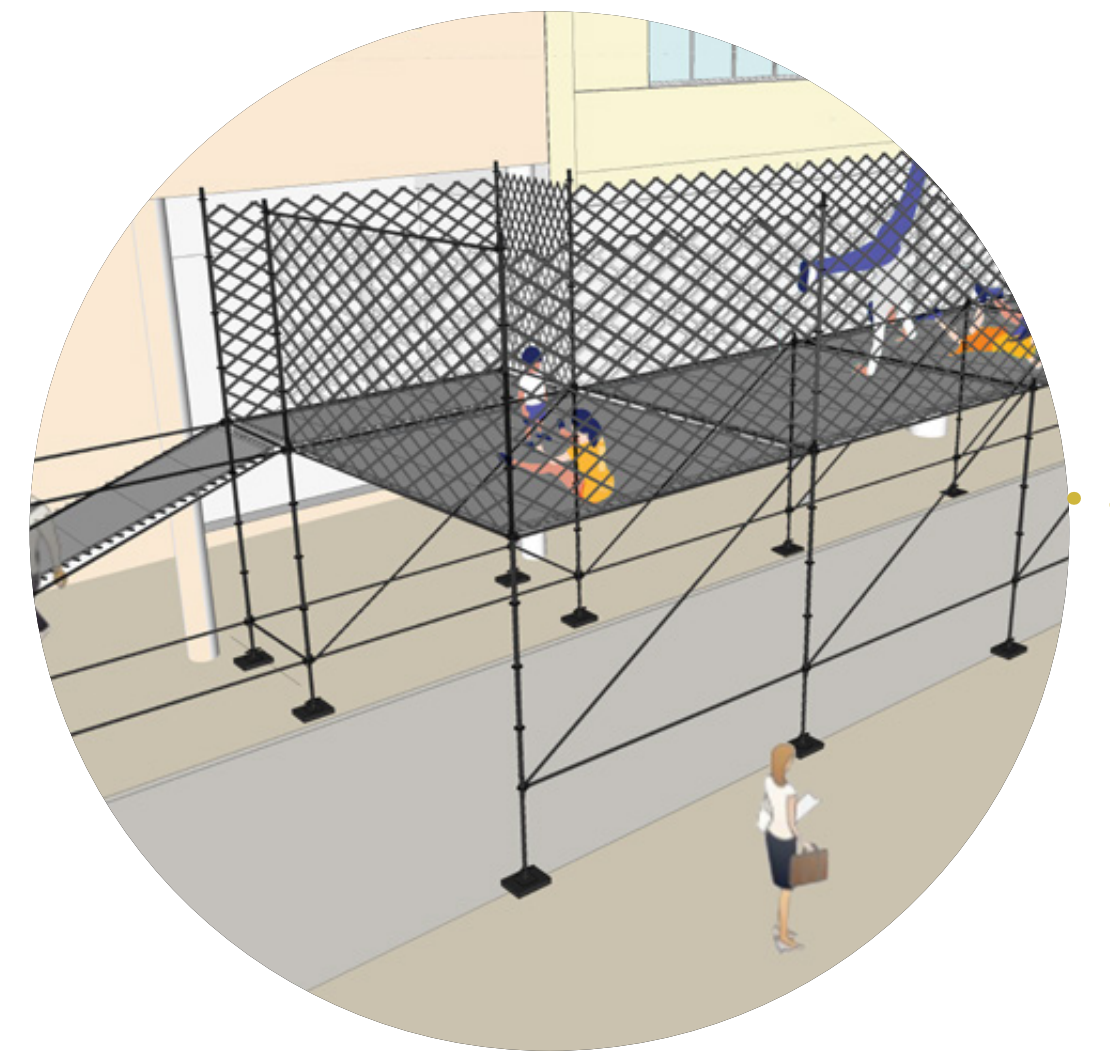
A escolha desse local se deu devido a presença da sede da Sociedade Musical Amor à Arte. Assim, o propósito dessa instalação, é utilizar a música como forma de pausar o corpo.

A instalação vai funcionar como uma caixa musical, que possui um túnel de onde aparentemente o som está vindo, porém, ao adentrá-lo não será possível observar a banda, somente sua sombra, do mesmo modo, quem está fora do túnel, consegue ver a forma do corpo daqueles que por ali passam. A ideia é instigar os olhos e ver o que não vemos cotidianamente, além de estimular outros sentidos além do da visão.



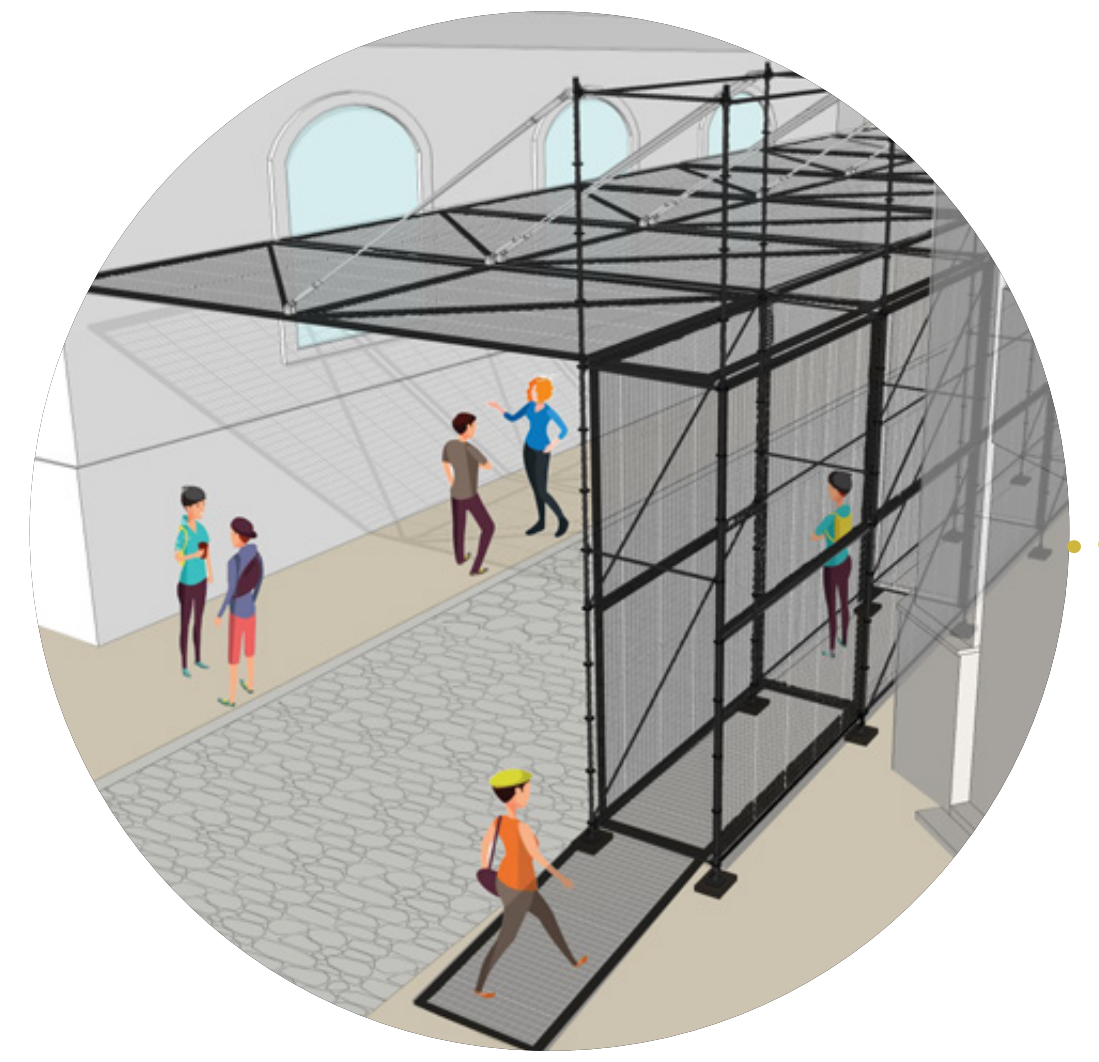
Essa intervenção, acontece na quadra que liga as esquinas do Cursinho Preparatório Energia e a Liga Operária Beneficente. A sede da Liga, se encontra na rua Tiradentes desde sua fundação, porém, sua história de camufla entre os edifícios ao longo da via. Por isso, a intenção da instalação nesse ponto, é mudar a perspectiva do corpo em relação as arquiteturas que compõe a rua, uma vez que, no ponto de vista atual, em pé e em movimento, esse e outros locais, ficam encobertos diante nossos olhos.

Assim, a fim de proporcionar ângulos distintos da rua, a instalação se constitui de uma estrutura que eleva o corpo dos transeuntes em relação a calçada, possibilitam aos atores outro panorama dos elementos que compõe essa via.

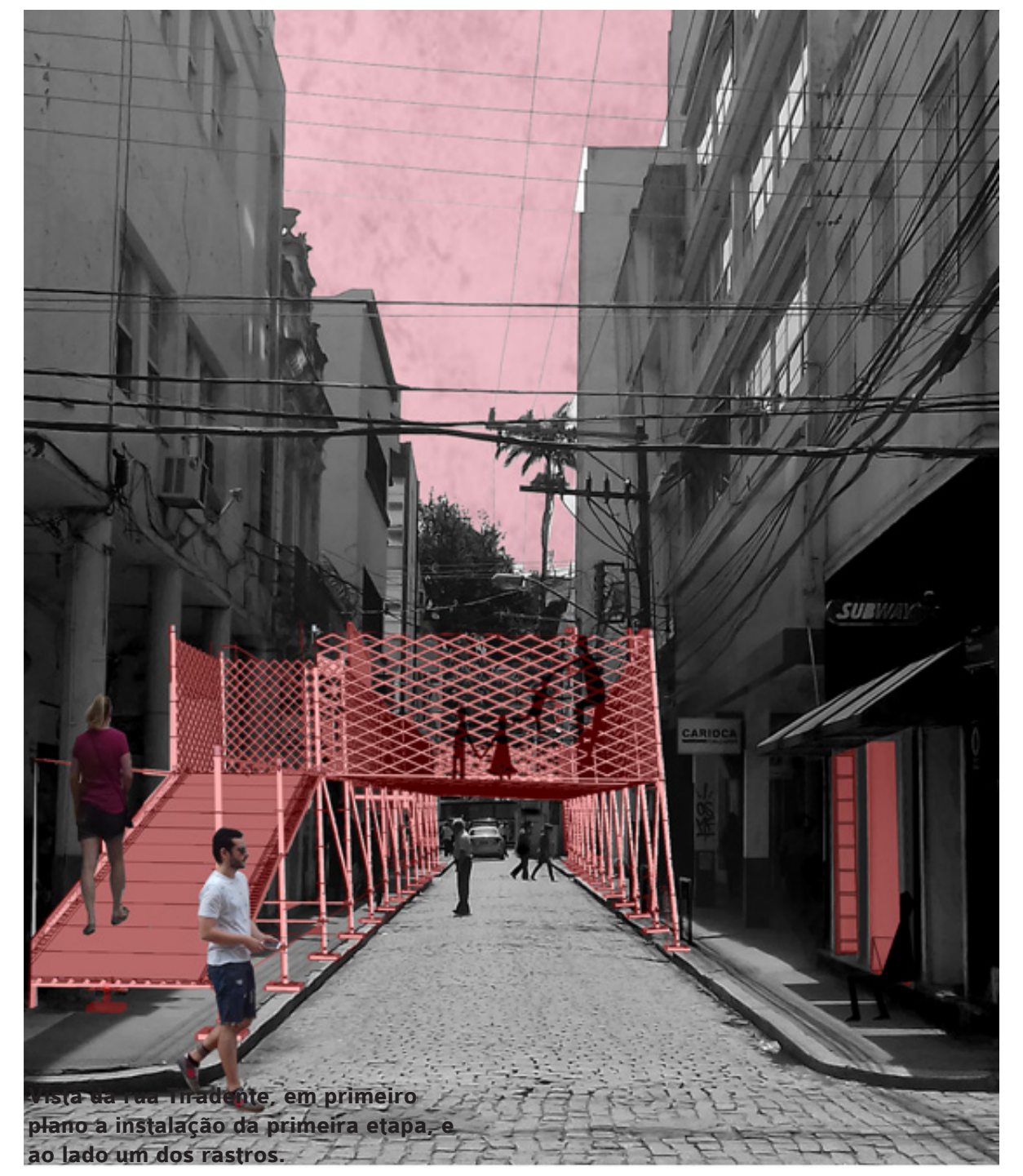


O ponto escolhido para essa instalação é a Antiga Casa de Câmara e Cadeia, que apesar de sua relevância civil muito grande, esse local também povoou a imaginação da população da capital, devido as histórias dos seus prisioneiros. Por isso, a primeira instalação, utiliza-se da luz e da sombra, pois, a mudança de iluminação ao longo de um dia, altera o fluxo da rua, seus usuários, e sua atmosfera.

A intenção da instalação é intervir nos três planos de um espaço, paredes, teto e chão, por isso ela é composta por duas partes, uma horizontal e uma vertical, fechadas com uma trama metálica vazada, que sombreia o chão e a fachada da Casa de Câmara e Cadeia, trazendo um novo olhar para esse edifício, e relembrando sua história.

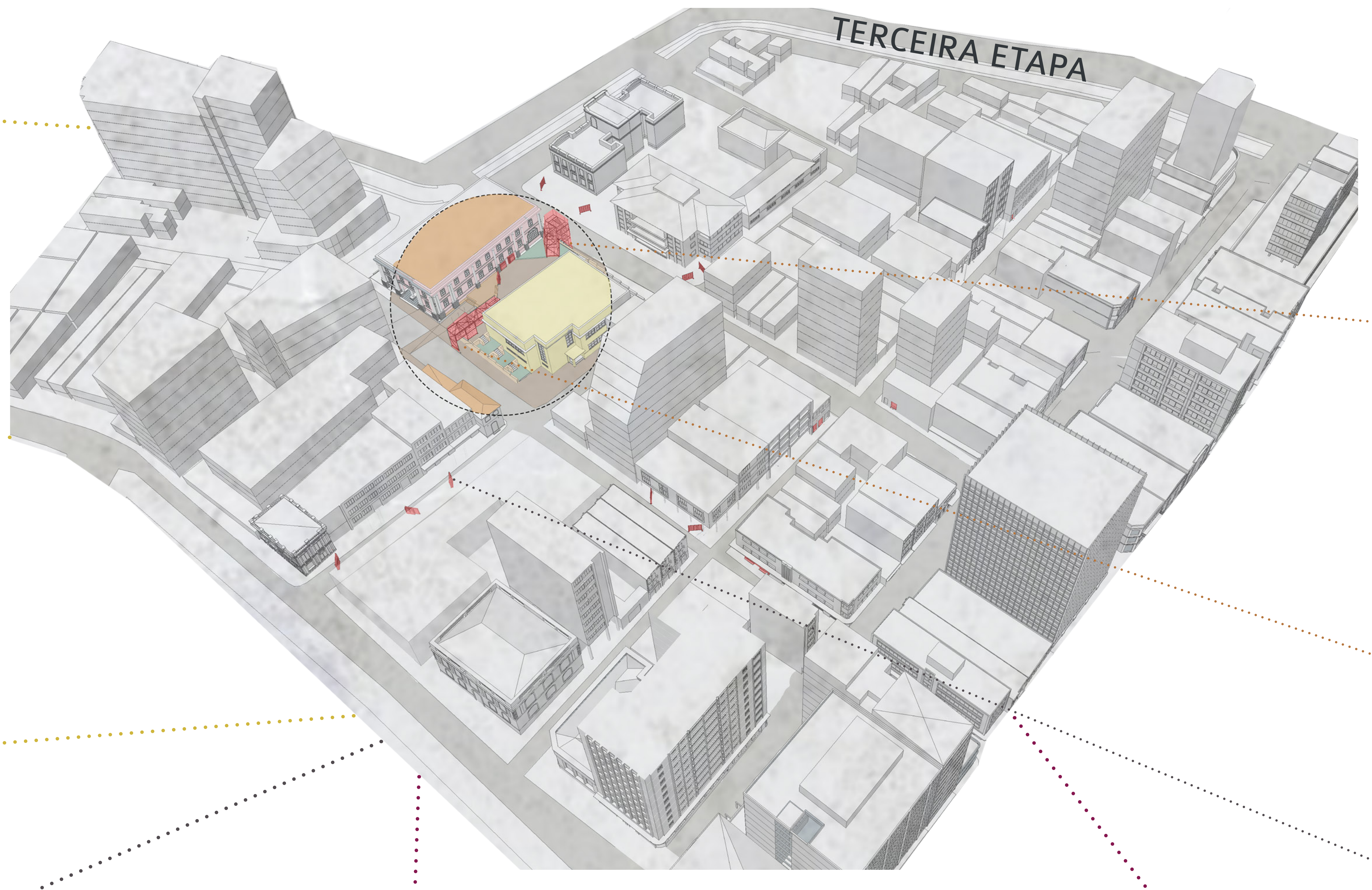


RASTRO



Vista da rua Tiradente, em primeiro plano a instalação da primeira etapa, e ao lado um dos rastros.

Juntamente as três instalações, outras pequenas intervenções ocorrem na rua Tiradentes no mesmo período. Porém, ao contrário das instalações temporárias, se encontram de maneira difusa por toda a extensão da rua, além de serem permanentes, caracterizando-se como um rastro deixado pela intervenção. O objetivo desses rastros é o mesmo das instalações temporárias, pois criam formas de desacelerar o corpo, assim como facilitam uma apropriação existente na área. A ideia é que os rastros, disponham de elementos que facilitem e estimulem ainda mais a permanência nesta rua, oferecendo mobiliários distintos para a apropriação.

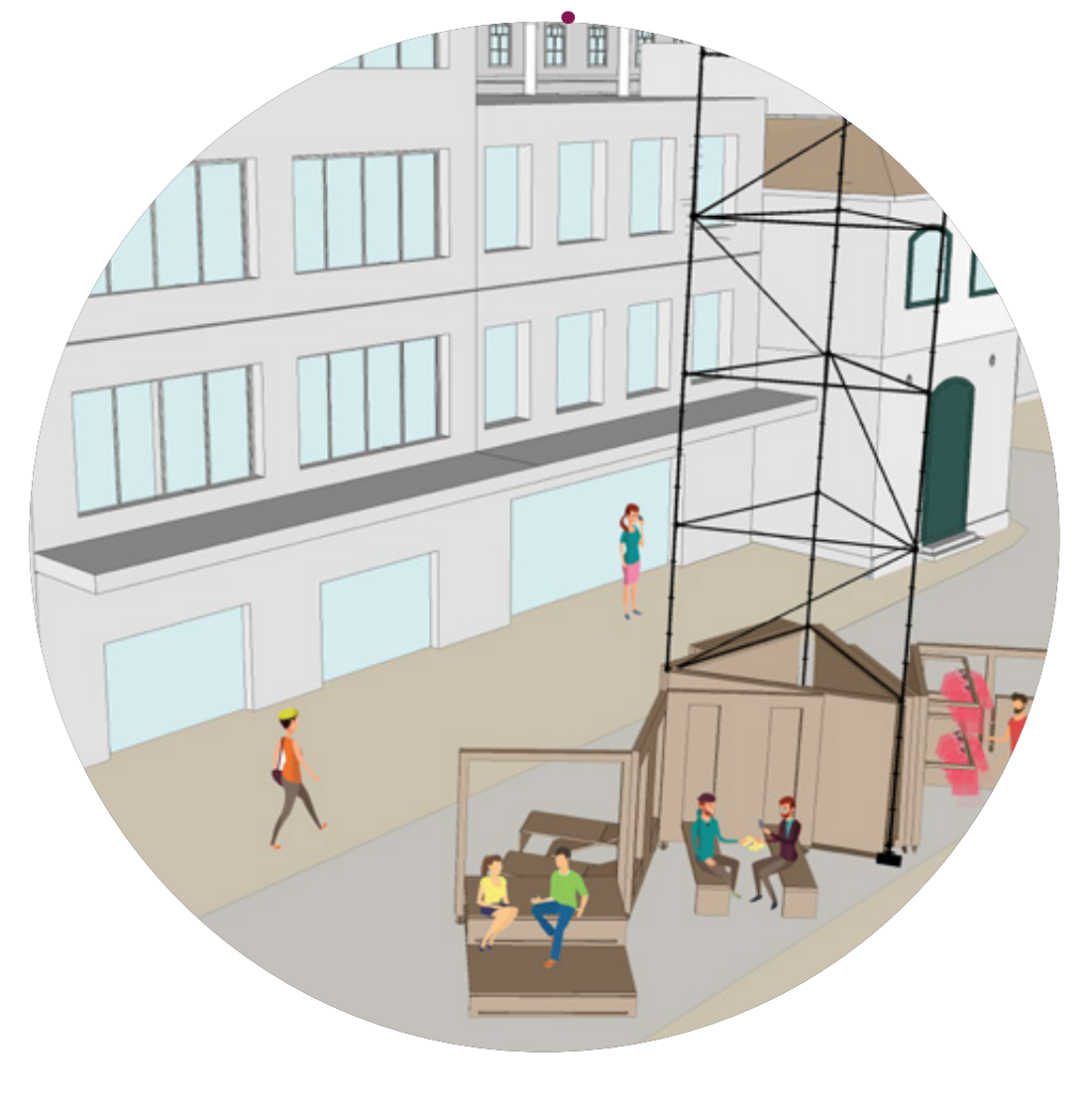


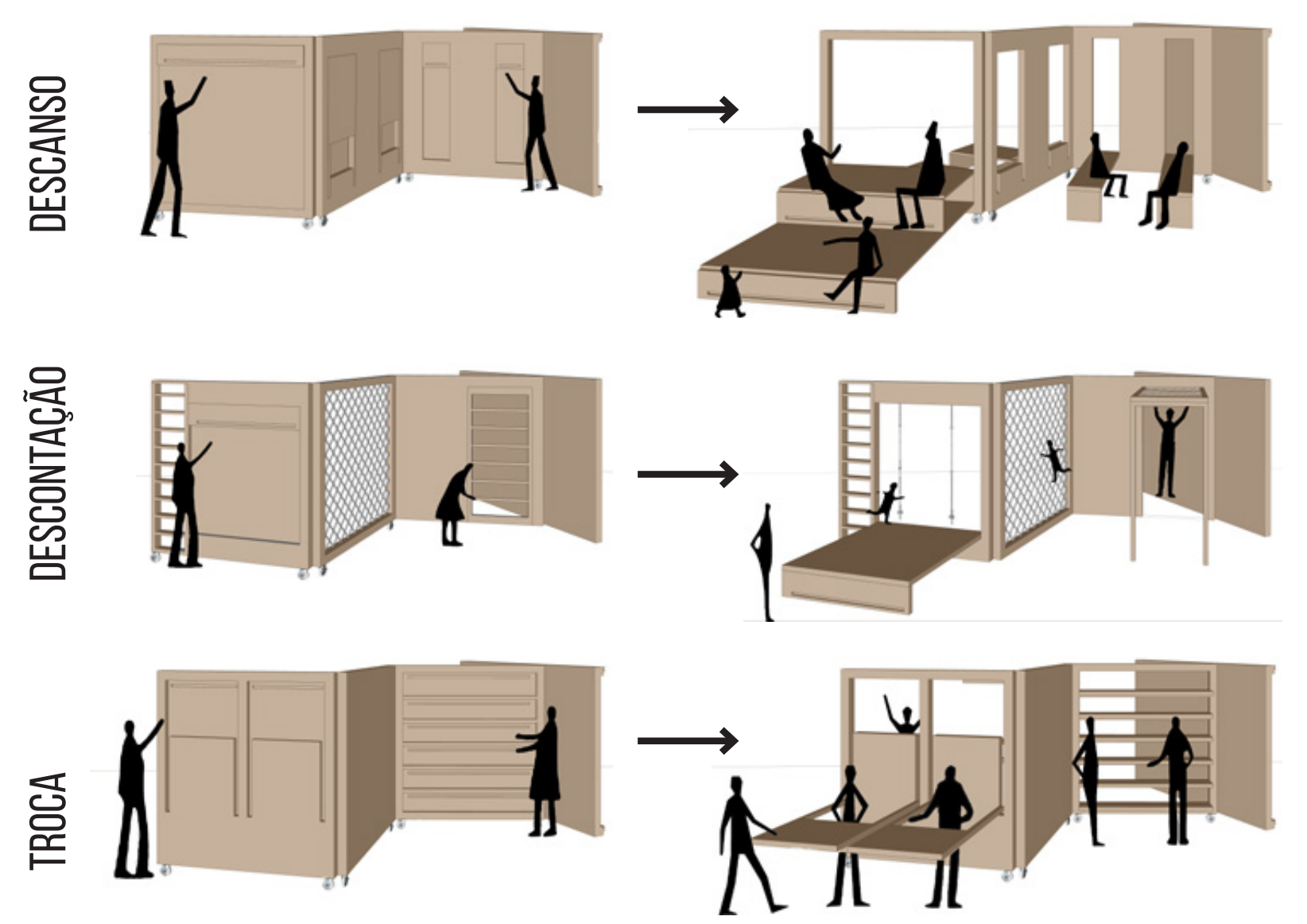
SEGUNDA ETAPA

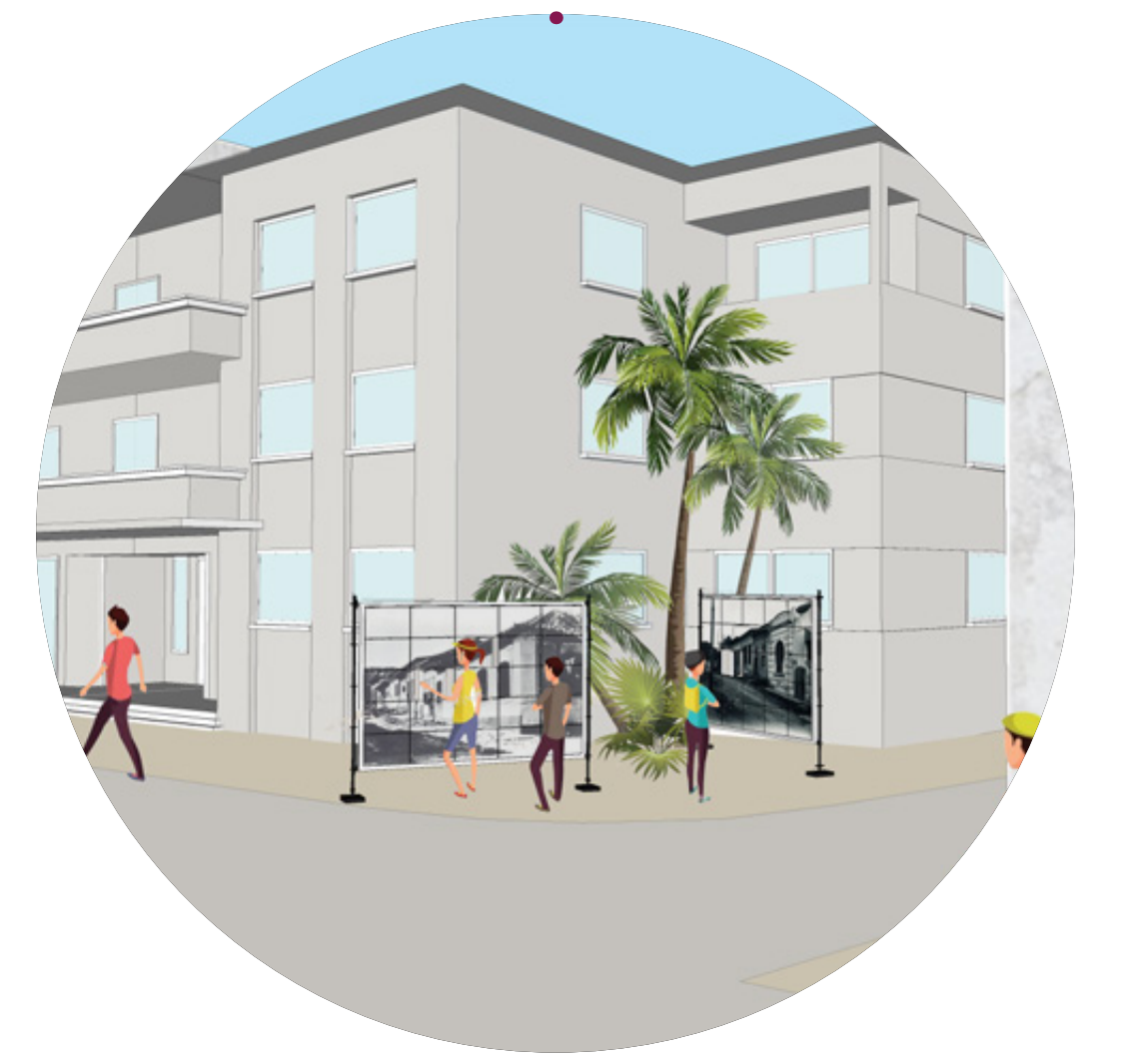
A segunda etapa do processo, ocorre em trechos da rua Victor Meirelles, Nunes Machado e Saldanha Marinho, ruas que durante minha experiência, passaram a sensação de insegurança e opressão devido à ausência de apropriação e, também, pela maneira que se configuram. Vale lembrar, que devido a conformação da rua e, também ao tráfego de carros, as instalações são diferentes, embora a intenção seja a mesma, convidar o corpo a se apropriar e conformar o espaço e a paisagem.

Na rua Victor Meirelles, a instalação se dá com a presença de três estrutura triangulares em altura, que utilizam boa parte das peças de andaimes multidirecionais da etapa 1 e, tem por objetivo chamar a atenção e fomentar a curiosidade dos frequentadores do centro. De cada estrutura, se abrem três eixos os quais possuem um gênero distinto: descanso, descontração e troca. Cada um desses eixos se abre, como uma sanfona, em painéis, onde possuem dentro de si formas que se descolam proporcionando um uso diferente.

Chegado ao fim da instalação, como rastro dessa etapa, fica um eixo de cada estrutura, mantendo na área, um suporte para cada uma das atividades que podem ocorrer na área.







Já nas demais ruas, a instalação convida o corpo a conhecer as camadas sobrepostas da cidade. Essa instalação se conforma com painéis fixos que possuem uma imagem do passado que completa a mesma paisagem do presente. Porém, o painel ainda é subdividido em pequenos pedaços, onde é possível girar e formar uma imagem que mistura o presente e o passado. Como essa instalação é muito especifica da paisagem que tem por trás dela, ela fica de forma permanente e se torna seu próprio rastro.

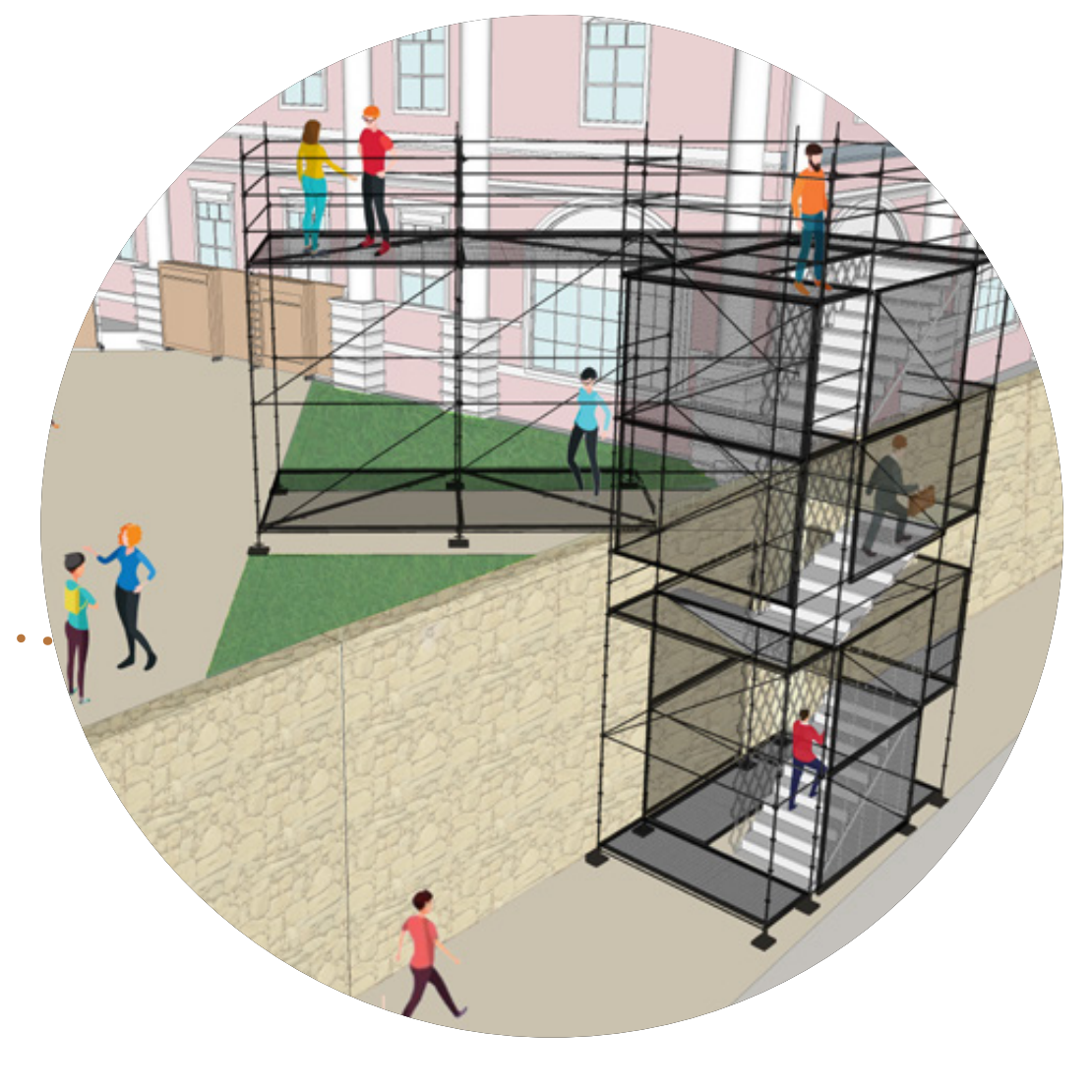
TERCEIRA ETAPA

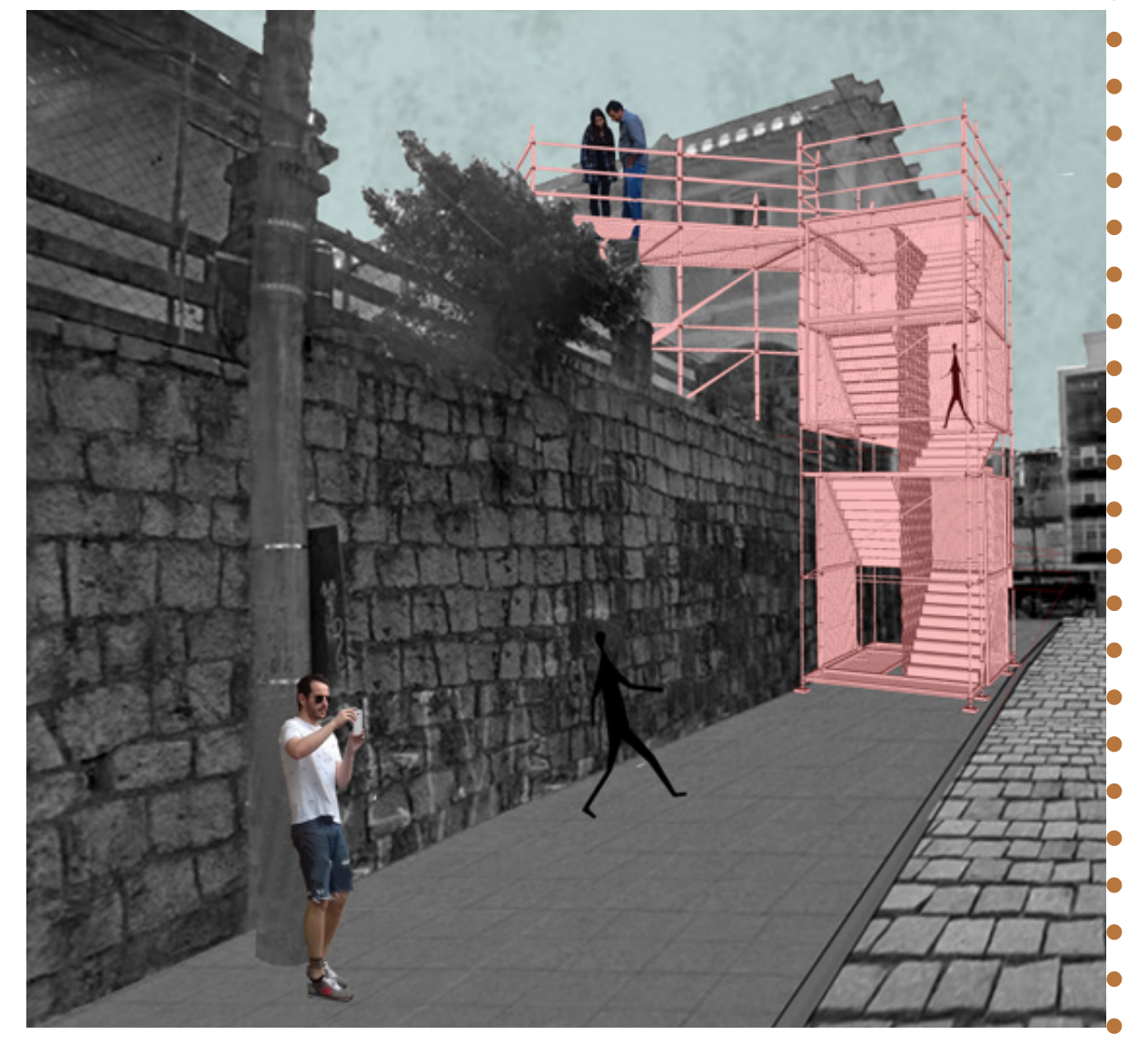
A última etapa do processo, se dá com a junção de grande parte das estruturas que compunha as instalações anteriores, em uma intervenção no terreno compreendido entre a escola Antonieta de barros e o Museu da escola catarinense.

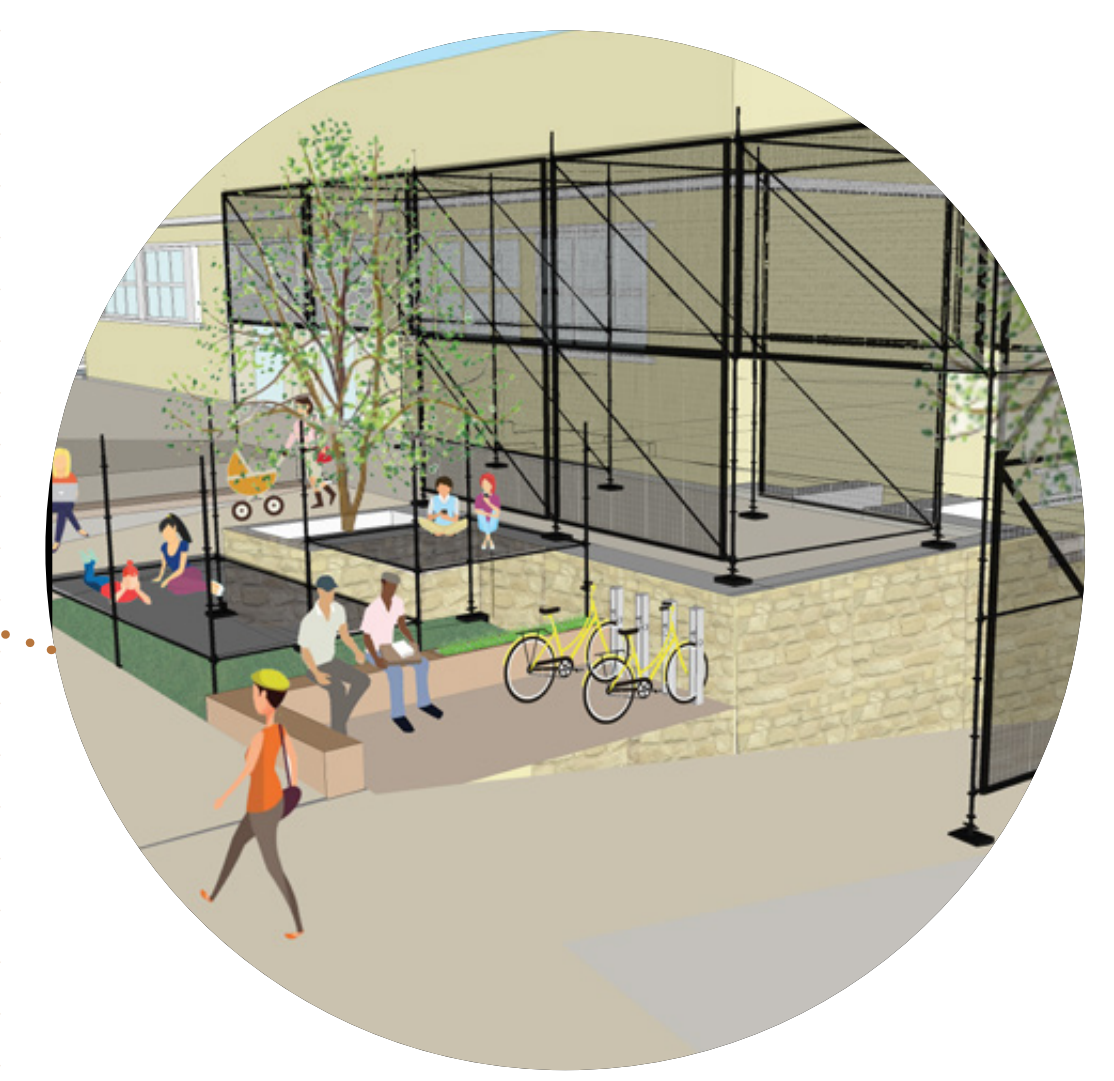
A intenção com essa intervenção é criar um espaço livre, que prevaleça o domínio do corpo sobre o espaço, e ainda contenha as subjetividades e sensações geradas pelas intervenções anteriores. Assim, mesmo aqueles que não fizeram parte do processo, que não vivenciaram as outras intervenções, consigam entende-lo e principalmente, consigam se identificar com o espaço.

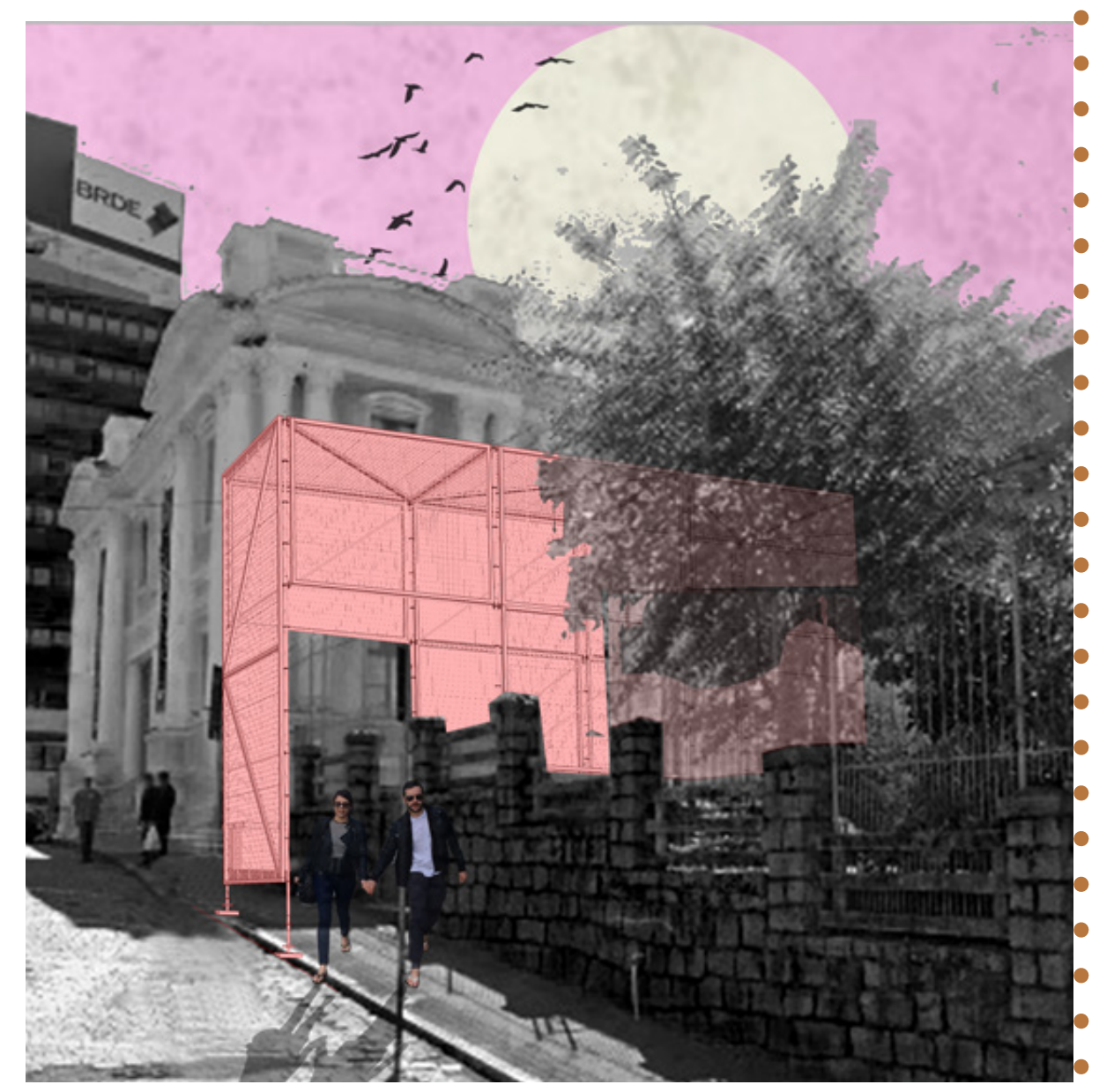
Para essa intervenção foi proposto duas entradas que buscam facilitar o uso do terreno, além da abertura das escadas laterais já existentes da escola. Pode-se se dizer que as duas entradas são os pontos mais expressivos da praça, uma vez que elas se projetam da calçada para dentro do terreno, guiando o olhar, e também o corpo de quem por elas passam até o centro da praça.

A área interna da praça se caracteriza como um local menos propositivo, é um espaço mais amplo, onde é possível observar apenas uma diferenciação de texturas, possibilitando diferentes usos, deixando assim, o espaço mais aberto para uma apropriação livre dos atores. Nesse espaço ficarão ainda, distribuídos os braços sanfonados da segunda etapa que darão apoio para a ocupação de toda a praça em suas diversas atividades que futuramente terá.

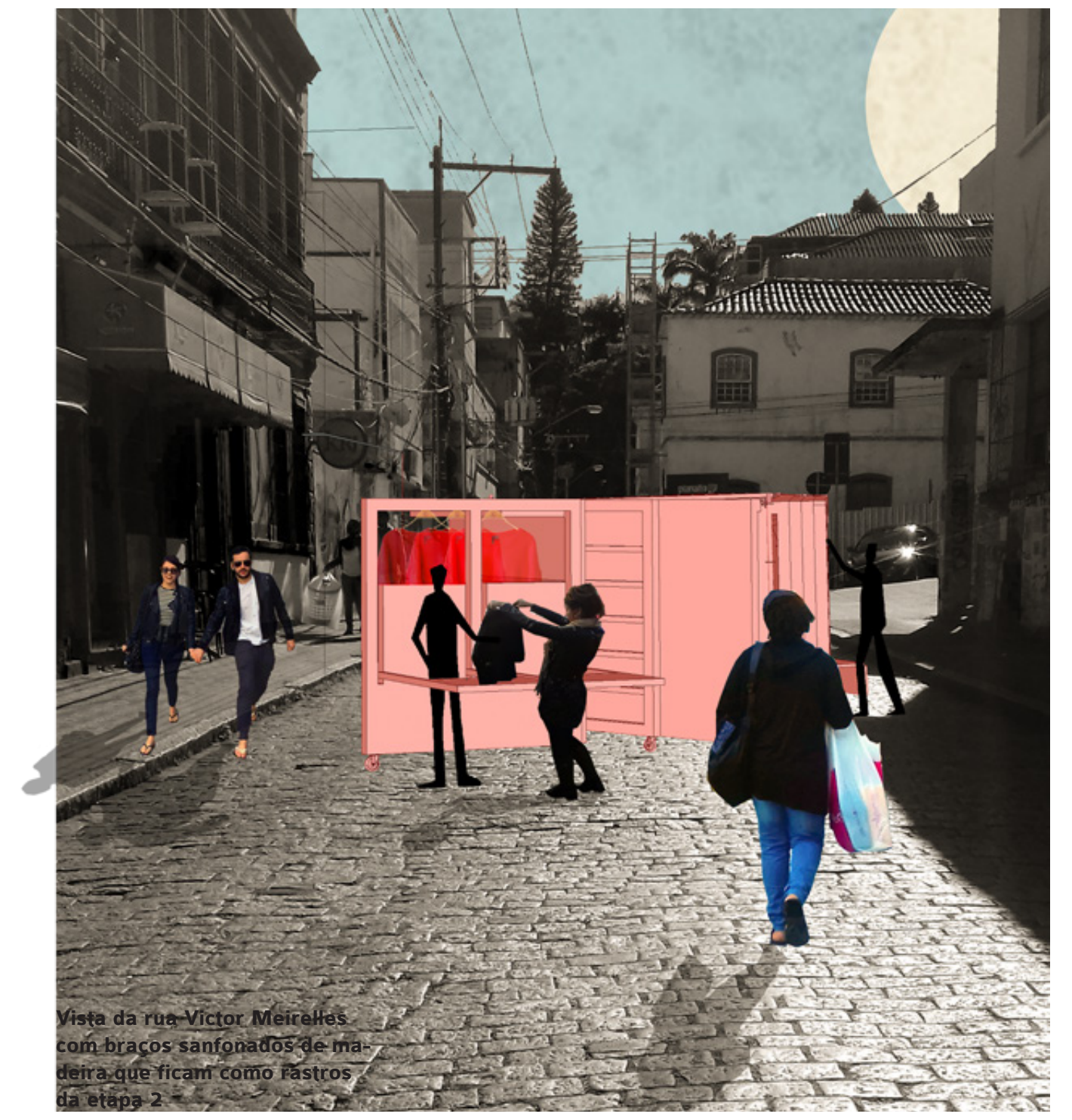








RASTRO



Vista da rua Victor Meirelles com braços sanfonados de madeira que ficam como rastros da etapa 2

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora ciente que as intervenções não promovem grandes transformações por si só, acredito que podem ser motivadoras de processos de transformações a médio e longo prazo, pois acontecimentos memoráveis deixam marcas duradoras nos lugares e dão forma aos espaços públicos, transformando aos poucos a cidade, uma vez que intervenções temporárias indicam novas possibilidades ao espaço. Porém, para isso, deve haver uma intenção transformadora por trás da intervenção, havendo uma ruptura evidente no uso cotidiano.

Dentro de uma linha crescente de interferência no uso habitual, as intervenções se encontram entre o uso cotidiano, onde não há uma ruptura no espaço-tempo e, entre os grandes eventos, que são característicos da cidade espetáculo e possuem um corte muito grande no espaço-tempo do lugar. Portanto, as intervenções interferem no tempo e no espaço, mas se apresentam mais como uma brecha, devido as particularidades do local que carregam consigo e também a participação dos habitantes cotidianos. Assim sendo, a presença de algumas características do local associada ao envolvimento da sociedade, permite que a intervenção tenha a cara do lugar e que seja intrínseco a ele.

Além disso, segundo Adriana Sansão Fontes, as intervenções com intenção transformadora, possuem oito dimensões chaves, se movendo no campo do transitório, do pequeno, das relações sociais, envolvendo a participação, ação, interação e subversão, sendo motivada ainda, por situações existentes e particulares, em contraposição aos projetos estandardizados, caros e de grande escala. Tais dimensões, podem ser, em sua grande maioria, encontradas em maior e menor intensidades na proposta de todo o trabalho.

Por fim, acredito que a transformação começa a ser concretizada quando se discute e se reflete sobre cidade, o que igualmente foi o objeto desse trabalho, resultando num pensar e fazer diferente.

PRIMEIRA ETAPA

SEGUNDA ETAPA